

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 04:
ETNOGRAFIA DOS RELATOS DE VIAGEM**

**Coordenadores:
Ilka Boaventura Leite (UFSC)
Paulo Roberto Albieri Nery (UFU)**

Procuramos justificar a criação de um fórum de pesquisa sobre a temática "etnografia dos relatos de viagem" nas Reuniões da ABA dada a importância assumida atualmente pela reflexão crítica sobre o uso dos relatos de viagem na produção da antropologia, quando se questiona o caráter da objetividade presente na transposição da experiência etnográfica para a construção dos textos antropológicos (Nery 1990). A par dessa importância instrumental no fazer antropológico, os relatos de viagem tem sido usados também enquanto dados de conhecimento a exigir reflexão crítica, uma vez que espelham fatos vividos e impressões narradas cujo conteúdo e modo de produção fornecem a imagem construída de um olhar estrangeiro (Leite 1996). Outra utilização possível tem sido tomar os relatos de viagem, seja em sua forma profissional como diários de campo seja sob forma dileitante como diários e cartas de viajantes em férias, como um conjunto de representações que traduzem uma matriz cultural com valores específicos por refletirem de modo privilegiado o olhar que os constrói (Nery 1998), ou ainda pela confluência com uma produção que enfoca a literatura de viagem como produção cultural, num diálogo permanente com as áreas da "literatura" e da "história". Desse modo o fórum de pesquisa proposto teria a finalidade de congrega as pessoas interessadas em "literatura de viagem", para uma reflexão mais sistematizada a respeito do uso na antropologia e áreas afins desse material como fonte estratégica de pesquisa com o objetivo de reunir "nomes" e "trabalhos" já existentes que atualmente enfoquem esse tema, contribuindo para inventariar criticamente aquilo que já se fez, como se fez, o campo em que se circunscreve e as questões pertinentes à respeito.

1ª SESSÃO (17/07) - DAS 14:00 – 17:00H**PERCORRENDO OS 'REGISTROS ETNOGRÁFICOS' DE TELÊMACO BORBA SOBRE OS ÍNDIOS DO PARANÁ.****Ana Crhistina Vanali (UFPR)**

Telêmaco Borba (1840-1918) foi um sertanista que exerceu um importante papel na constituição da pesquisa e dos conhecimentos etnológicos no Paraná. Seus "registros etnográficos" estão intimamente ligados ao curso de sua própria vida, dedicada ao desbravamento das terras do norte paranaense, a direção de aldeamentos indígenas, a vida política e a iniciativa de relatar suas experiências com os índios do Paraná, pois sua preocupação era com a preservação dessas etnias indígenas. A contribuição de seus registros, tendo iniciado com explanações sobre as culturas materiais e não-materiais de algumas das sociedades indígenas do Paraná, passou por abordagens sobre a mitologia, lançando as bases dos estudos das sociedades indígenas paranaense em situação de contato e de mudança cultural.

RELATOS DE VIAGEM E OUTROS DOCUMENTOS AFINS: DADOS PARA UMA ARQUEOLOGIA DO SABER ANTROPOLÓGICO (UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE CLAUDE LÉVI-STRAUSS.**Dorothea Voegeli Passetti (PUC/SP)**

Tristes trópicos de C. Lévi-Strauss pode ser lido como discurso estrangeiro sobre o Brasil nos anos 1930, a Índia em 1950 e a viagem de exílio durante a Segunda Guerra Mundial. É também diário intelectual revelador de práticas: desabafo de um etnógrafo iniciante, expressão de um ex-filósofo que questiona a metafísica, do antropólogo que quer criar uma ciência nova, do ex-militante socialista que encontrou o budismo. *Tristes trópicos* revela um autor que alia informações objetivas e impressões subjetivas, incorpora o sensível ao inteligível e quer quebrar as fronteiras desses domínios. Para ler esses discursos mesclados é necessário cartografá-los e sobrepô-los, permitindo localizar o autor na história e nos territórios em que se movimenta. Ciência e ficção criam verdades; cabe ao pesquisador ressaltá-las.

ETNOGRAFIA PELAS OBRAS DE JOÃO MAURÍCIO RUGENDAS.**Pablo Diener**

Na obra americana de J. M. Rugendas, os temas referidos à etnografia ocupam um lugar relevante, sejam eles relacionados aos araucanos do Chile e Argentina ou aos índios

brasileiros do litoral; estes foram registrados quando Rugendas viajava como ilustrador da Expedição Langsdorff. Tanto num como noutro caso, seus estudos oscilam entre um naturalismo meticoloso, sobretudo ao realizar desenhos de figuras isoladas, e à composição de cenas exóticas concebidas para o público europeu. Entre uma e outra há de se considerar também a obra de Rugendas que foi gravada por outros artistas. À luz desses conjuntos de obra se realiza uma análise do valor documental que o trabalho de Rugendas possui para os estudos da etnografia histórica, principalmente no Brasil.

A ETNOGRAFIA DA AMAZÔNIA URBANA NO SÉCULO XIX: NOTAS DE UM DIÁRIO DE CAMPO

Ana Maria Lima Daou (UERJ)

Neste trabalho discuto questões relativas ao uso da literatura dos viajantes como fonte etnográfica que faculta o de acesso às comunidades urbanas e aso grupos de elite. Valorizo a contribuição dos relatos de viagens, viajantes naturalistas e agentes comercias para o conhecimento indivíduos e grupos fixados nos povoados e pequenas aglomerações urbanas amazônicas, especialmente quanto a sua origem, atribuições no contexto urbano, formas de inserção social e interação com os nativos, mediadores fundamentais para o prosseguimento das viagens ou para a realização das expedições de coleta científica. Tenho como principal referencial empírico o caso de Manaus. Discuto também questões relativas ao “lugar” da observação sobre as povoações urbanas nos relatos de viagens e na iconografia aí contida.

(DEBATE)

2ª SESSÃO (18/07) DAS 14:00 – 17:00H

VIAGENS À COSTA DA GUINÉ.

Claude Lépine (Unesp/Marília)

Tenho utilizado como fonte diversos tipos de relatos de viagens à África com o objetivo de reconstruir a história da difusão de doenças, como a varíola. Ficou evidente que esses relatos não podem ser utilizados sem crítica e que devem ser analisados em função da história das nações européias e de sua expansão colonialista. Eles refletem em primeiro lugar modas literárias; mas sobretudo refletem modos de pensar da época sobre as sociedades exóticas. Os primeiros viajantes ficaram admirados diante das civilizações africanas. Mas no século XVIII a linguagem muda; não se fala mais em povos e em nações, mas em tribos, hordas. A natureza do contato, com efeito mudou. Nos séculos XVI e XVII os europeus tinham que se submeter às leis locais. No século XVIII as nações européias já estavam solidamente estabelecidas nas costas da África Ocidental.

O ÚLTIMO VIAJANTE: THEODOR KOCH-GRÜNBERG ENTRE COSMOGRAFIA E VÖLKERKUNDE (ETNOLOGIA).

Erwin H.Frank (U.F. Roraima)

Entre 1897 e 1924, Theodor Koch-Grünberg participou em nada menos que quatro expedições (três alemães e uma norte-americana) que cruzaram amplas partes do Brasil e do sul da Venezuela. Na sua primeira expedição acompanhou Herman Meyer, aluno e sucessor de Karl von den Steinen, "descobridor" do alto Xingu, de Buenos Aires via Mato Grosso e o Xingu a Belém do Pará. A segunda (1903-5) dirigiu ele mesmo num tortuoso percurso por quase todos os seus afluentes principais do rio Negro e Japurá, e na terceira (1911-13) e, talvez, mais ambiciosa, subiu o rio Branco até o monte Roraima, e o Urariquoera (confluente principal do rio Branco) até a serra Parime, de onde voltou a Manaus via Ventuari, o rio Orinoco e o Canal de Caciquire. No início da quarta expedição (1924), desta vez liderada pelo geógrafo norte-americano Hamilton Rice, morre finalmente de malária, no primeiro acampamento que a expedição estabeleceu em território roraimense. Paralelo e, sem dúvida, em consequência dos valiosos resultados deste incansável viajante, Koch-Grünberg passa de professor de latin e grego numa escola qualquer alemã de segundo grau a Professor de "Völkerkunde" (Etnologia) em Freiburg e Heidelberg e finalmente até diretor do museu "Linden", em Stuttgart. No meu trabalho analisarei a dupla carreira de Koch-Grünberg como expressão terminal (e até trágica!) de um processo histórico que, na segunda metade do século XIX, transformou a cosmografia

romântica alemã (humboldiana!) numa série de novas ciências desde a geografia e geologia a etnologia, cujo êxito tornou finalmente obsoleto não só a "cosmografia" como ciência universal, senão também o mesmo conceito do "cientista-viajante" na qual aquela foi fundamentada.

RELATOS DE VIAGEM E FICÇÃO: JOÃO GUIMARÃES ROSA, VIATOR.

Ana Luiza Martins Costa (UERJ)

Praticamente todos os viajantes do século XIX que integraram expedições científicas para estudar os diversos aspectos da natureza e os hábitos e costumes de cada povo, inspiraram-se no estilo de viagem e narrativa da obra de Alexander Von Humboldt. Os naturalistas viajavam pelos países exóticos para inseri-los no universo do saber escrito da época. Eles foram decisivos na formação de um olhar sobre os países percorridos, servindo de modelo para a emergência de literaturas nacionais. Os naturalistas foram os principais interlocutores dos primeiros esforços ficcionais brasileiros, na composição das paisagens nativas e na configuração de um narrador de ficção nos moldes de um viajante em constante deslocamento, que observa e registra paisagens e costumes. Veremos que, em meados do século XX, Guimarães Rosa retoma o modelo das viagens de pesquisa para recolher elementos para suas histórias, para observar e documentar o sertão do Brasil - cenário privilegiado de sua obra ficcional. A partir da análise de seus cadernos de viagem (consultados no IEB/USP), demonstro que o modo como o escritor registra o que vê e ouve durante a viagem dialoga com os relatos dos naturalistas do século XIX, especialmente os que percorreram o sertão de Minas Gerais, entre 1810-20, e que foram lidos com muita atenção pelo escritor, como Saint-Hilaire, Spix e Martius e Emanuel Pohl. Veremos que, em "Grande sertão: veredas" (1956), Rosa incorpora a viagem como procedimento narrativo e retoma alguns "topos" característicos dos relatos de viagem, como a travessia do deserto.

PAULO ROBERTO ALBIERI NERY (UFU)

(DEBATE)

3ª SESSÃO (19/07) DAS 14:00 – 17:00H

OBSERVAÇÃO PRESCRITIVA E ILUSTRAÇÃO DO BRASIL.

Lygia Segala (UFF)

O projeto do livro-álbum *Brazil Pittoresco* (1859-1861) do fotógrafo francês Victor Frond (1821-1881) é considerado como o maior empreendimento fotográfico do século XIX no país. As pranchas, reproduzidas em Paris, por processo litográfico, são acompanhadas pelos escritos do publicista republicano Charles Ribeyrolles (1811-1860). As implicações recíprocas do texto e imagem oscilam entre a observação prescritiva e a retórica celebrativa do país, convenientes às regras da proteção imperial.

Os autores pensam o nacional brasileiro em oposição à tradição colonial, não pelo viés exclusivo da valorização das especificidades do país, tinta romântica dos ilustrados da terra, mas tomando-o como ponto de apoio à expansão do ideário universalista das Luzes.

A observação prescritiva, marca do que os autores qualificam como sua missão civilizadora, baseia-se em um concepção de viagem em que está em questão não só a travessia recomendada dos espaços exóticos mas também a dos tempos. As extremidades da terra confundem-se com o princípio dos homens. Essa viagem no passado faz com que o futuro daqueles que são observados se construa pelas possibilidades presentes de quem observa. A hospitalidade paisana é valorada nessa estratégia de intranhamento de idéias, resignificando a viagem iniciática como viagem de anúncio que potencialmente mobiliza o espaço social percorrido.

OS BOTOCUDOS DO LESTE NA ÓTICA DOS VIAJANTES DO SÉCULO XIX.

Maria Hilda Baqueiro Paraiso (UFBA)

Pretende-se rever criticamente a imagem formulada sobre os Botocudos do Leste pelos viajantes estrangeiros que circularam no habitat desses grupos entre a década de 1810 e 1870. 'Da mesma forma, busca-se identificar as matrizes de reflexão que permitiram a construção de uma visão distorcida acerca dessas populações.

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA E OS GUAIKURÚ.

Maria de Fátima Gomes Costa (UFMT)

No final do século XVIII, ao mesmo tempo em que Portugal e Espanha tentavam demarcar suas fronteiras na América do Sul, o naturalista luso-brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, acompanhado por dois desenhistas e um jardineiro botânico, percorria parte do mesmo

território no comando da sua Viagem Filosófica. Entre 1789-1791 visitou a então Capitania de Mato Grosso descrevendo lugares, fauna, flora, recursos naturais e a população indígena. Com o mesmo objetivo esteve nas terras molhadas da Bacia do Alto Rio Paraguai e registrou em texto e traços o encontro com os guerreiros Guaikurú. Partindo deste material, discute-se as imagens dos Guaikurú gestada por esta expedição Filosófica.

ILKA BOAVENTURA LEITE (UFSC)

DEBATE E AGENDAMENTO DE ATIVIDADES FUTURAS